

Alexei Bueno. *Cerração*. São Paulo: Patuá, 2019. 154 p.

O convite da obra *Cerração*, de Alexei Bueno, lançada pela Editora Patuá (2019), é um recolhimento em si, um momento catártico de encontrar na mais profunda solidão, em meio a uma densa bruma, as perguntas essenciais, talvez inevitáveis, sobre a vida e a morte: “Como guardar por dentro esta tortura,/ A simular que os dias são os dias?/ Só há uma porta na cela, e, se a hora adias,/ É porque sabes que ela te procura.” (p. 45).

O livro, de uma plasticidade editorial muito sugestiva, nas primeiras páginas envolve o leitor em meio à opacidade de folhas que gradativamente revelam imagens, sombras recortadas na névoa, que aos poucos deixa transparecer a intensa poesia que propõe uma íntima e complexa reflexão de tom metafísico sobre o sentido da vida. “[...] Que influxo/ Sagrado nos traz tal fluxo/ Que nomeamos/ Vida? (p. 28).

O primeiro poema, “Cerração”, homônimo ao título, antecipa o caráter enunciativo dos poemas: um diálogo entre o eu lírico e um interlocutor; um “tu” imaginário, em que, na maioria das vezes, parece sugerir que o próprio sujeito lírico está diante do espelho, dirigindo-se a si mesmo. Esse recurso, entendido dentro do contexto de produção, exprime a fragmentação do sujeito pós-moderno, que dividido, demonstra grande dificuldade de encontrar-se. Na obra, em meio à “cerração” que oculta a resposta possível, a dualidade que caracteriza o sujeito lírico é consumida por uma sensação de vazio, solidão, desesperança, tédio, prostração, melancolia, que em desespero, anuncia: “Gritas na cerração. Ninguém responde./Gritas de novo. É isso. Estamos sós./ Mudam de lado. Nada vale o aonde./ Nem o eco te ouve, e ele é a tua própria voz.”(p. 25).

Ainda nessa linha de raciocínio, é possível assinalar que o jogo de espelhos entre “eu mesmo” e “eu” desencadeia o encontro do ser com a poesia, expressando sentimentos originários de uma dúvida filosófica infinda que aflige a humanidade desde a Antiguidade Clássica: quem somos? Para onde vamos? De onde viemos? Há algum sentido em tudo? Parece que nem a poesia é capaz de dar uma resposta e o poema “Gênese” corrobora isso, narrando entre “Detonações de luz[...] jorros de fótons, claros riscos ígneos [...] Tormentas de ouro, brilhos sem desígnios, [...] Argênteas erupções...[...]” o paradoxal nonsense esplendoroso de nossa origem. Ciente de sua fragilidade, sujeito lírico pergunta, desolado: “Por que tudo isso?/ para gerar um pó obscuro e inisciente,/ A dor, a Grande Obra, o espelho omissor,/ Que a sombra bebe, embriagadoramente.” (p. 63). A inutilidade dessa “Obra”, consumida pela sombra, incorpora uma visão de mundo que denuncia a sensação de desajuste, de deslocamento e dá o tom nauseante que permeia a sociedade atual.

No entanto, se o olhar do leitor for direcionado para a herança cultural, é possível perceber certas matrizes simbolistas, no eixo semântico da seleção lexical com termos como “neblina” “cerração”, “miragem”, “visões”, “sombra”. “melancólico”, “nada”, entre outros, que manifestam o tédio inscrito na subjetividade lírica de sua *decadent* experiência de vida.

Tradicionalmente as obras de Bueno apresentam um trabalho rigoroso com a linguagem, tanto quanto opta por inovar a criação na estrutura, como quando trabalha com as formas clássicas como o soneto, a ode, a canção, ou mesmo, as estrofes em oitavas, os dísticos que demonstram o apurado conhecimento do autor sobre a tradição da poesia e um fino manejo da métrica e da rima. Portanto é possível afirmar que há dois aspectos fundantes na obra que encerram seu caráter de universalidade. Por um lado, o *leitmotiv* do absoluto nada, traduzido na solidão que tudo embaça, que se torna uma alegoria das questões existenciais humanas. Por outro viés, a opção por composições de formas poéticas da tradição da poesia ocidental. Há um trabalho “de ourives” a esculpir os poemas, num exercício laborioso da busca da rima perfeita, da exatidão métrica dos versos, do decassílabo heróico. Em conjunto, esses elementos,

levando em consideração suas anatomias dentro de um espaço histórico e de um terreno emocional humano, denotam o ser de qualquer tempo.

Em *Cerração*, o poeta constrói um jogo imagético altamente metafórico, ao submeter a simetria e a regularidade das formas à fluidez nebulosa dos sentimentos que transitam entre a intensa cerração lírica. Fixar as dores da alma, a melancolia dos dias, as perdas parece ser uma maneira de conter os próprios sofrimentos, racionalizá-los matematicamente entre os versos de uma “Terza Rima”, tendo Dante como interlocutor e uma fina ironia amarga como regente: “[...] Mais um o pedaço meu se fez outrora,/ E eu o lamento, em métrica elegante./ Cabe tudo num poema, o dentro e o fora./ Tu tiveste um barbeiro, egrégio, Dante?” (p. 89).

O segundo poema da obra, dedicado a John Clare (poeta contemporâneo de Blake, Byron, Coleridge, Keats, Shelley e Wordsworth, que teve sua poesia reconhecida tardiamente), abre-se em cúmplice diálogo com o poema “I am!”, escrito entre 1842 e 1864. O sujeito lírico, transfigurando-se em elemento telúrico das divagações de nada ser, declara: “Tu és. Nós somos. Sinto inveja às vezes/ Dos capins – seu nome é este em minha terra./ Livres de toda a dor, nada os aterra./ Nem mesmo o vendaval, nem mesmo as reses./ [...] sem nome, sem origem, sem morte [...]” (p. 26).

O tempo é outro tema que compõe a subjetividade lírica dos poemas. Há uma certeza da impotência do ser humano diante do tempo. A ideia de tempo sugerida vai mais além do conceito de efemeridade; na obra, o tempo é gênese da aniquilação, da destruição. Mais do que efêmero, o tempo é alegoria de apagamento e, consequentemente, de aniquilamento da existência e de certeza da morte. Nesse cenário, o “Veredito”, é que “O olvido é teu espólio. Nada, nada./ As ondas, no seu tédio de quebrar,/ Bebem os pés que a areia quis moldar/ Nas paralelas de uma só jornada./ a estátua do jardim perde seus traços,/ Musgo e líquen lhe embotam as feições,/ [...] Não ficará de ti nem uma chave/ [...] Nada, nada. Não ficará memória” [...]. (p. 87).

No poema “A Felicidade”, a conclusão a que chega o sujeito lírico é de que “fora ilusões constantes,/ Nem nascida ela foi. Não a prendeste/ Porque nunca a tocaste nem tiveste.” (p. 52). Ou em “Derrota” “Melhor é não pensar/Nas coisas não havidas,/Elas corroem vidas/Sem nunca descansar. [...] Pisarão, distraídas, / na nossa sepultura. / Só o seu não ser perdura,/ Nós fomos nossas vidas.” (p. 65). A intangível verdade posta nesses versos revela a angústia e a perplexidade diante da vida e da morte.

Ao longo dos cem poemas de *Cerração*, o poeta, consciente da tradição literária greco-romana, a qual concebia como elemento composicional imprescindível da criação a *imitatio*, edifica estruturas rítmicas e desenha um universo poético rico em intertextualidade. Seguindo nessa perspectiva, ele sinaliza suas produções com referências explícitas de obras fundamentais do patrimônio cultural da humanidade. São alguns exemplos desse movimento de arte alusiva, os poemas “A mulher de Lot”, “Lázaro”, “Orfeu e Eurídice”, “L’Enfer”, “Pour Elle” que dialogam com *A Odisséia*, de Homero, a *Divina Comédia*, de Dante, com a mitologia e com textos bíblicos. Nesse mesmo caminho, há poemas que homenageiam figuras muito caras à humanidade, entre elas, os poemas intitulados “Pauvre Vicent”, “Sidarta”, “São Lourenço”.

Ora na metáfora que subsume um *New World* espetacularizado onde há “torre de concreto e aço”, “satélites”, “ondas incontáveis e invisíveis” “aeronaves auto-orientadas” [...] “Herdeiro de milhões de hojes já velhos,/ do sumo engenho humano, um homem chora.” (p. 46). Ora nas antíteses que guardam nas profundezas do inferno a “luz” e a “treva” e um “lento nada eterno” (p. 27), sua lírica surpreende não apenas pela multiplicidade de sentidos e leituras possíveis, como também pelo conjunto de obras que a ela se alinham.

Alexei Bueno tem uma carreira prodigiosa na literatura. Poeta, tradutor, ensaísta, crítico literário, autor de várias obras poéticas, já publicou *As escadas da torre* (1984), *Poemas gregos* (1985), *Livro de haicais* (1989), *A decomposição de J. S. Bach* (1989), *Lucernário* (1993), *A via estreita* (1995), *A juventude dos*

deuses (1996), *Entusiasmo* (1997), *Em sonho* (1999), *Os resistentes* (2001), *A árvore seca* (2006), *As desapareições* (2009), *Anamnese* (2016). Além disso, dedica-se ao estudo da literatura, organizando obras de autores como Olavo Bilac, Vinícius de Moraes, Jorge de Lima e a traduções como *O Corvo*, de Edgar Allan Poe, *Quimeras*, de Gerard de Nerval e, mais recentemente uma *Antologia de poemas*, de John Clare, poeta inglês do século XIX.

Suzana Pagot

Universidade de Caxias do Sul